

Feminismo(s) Indígena(s): conexão entre os Estudos da Tradução e as Teorias Feministas

Jefferson Ebersol da Silva¹

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Teorias feministas contribuíram fortemente para todas as áreas da sociedade, incluindo os Estudos da Tradução. O resultado mais evidente dessa interação é o surgimento, na década de 1980, de uma escola de tradução feminista no Canadá, que colocou o gênero em destaque. Apesar das críticas e subseqüentes redefinições da noção de tradução feminista, a escola canadense ainda é geralmente considerada como o modelo da interação entre feminismo e tradução. O objetivo deste artigo é o de evidenciar a importância de teorias feministas na tradução de textos de mulheres indígenas no Canadá e o de levantar questionamentos relacionando a prática da tradução com uma perspectiva feminista. Também, abrir debates por meio da verificação de temas de interesse mútuo para os Estudos da Tradução e Feministas no plano conceitual e histórico.

Palavras-chave: Estudos da Tradução; Teorias Feministas; Feminismos Indígenas; Canadá.

Indigenous Feminism(s): Connection between Translation Studies and Feminist Theories

Abstract: Feminist theories contributed strongly to all areas of society, including Translation Studies. The most evident result of this interaction is the emergence, in the 1980s, of a feminist translation school in Canada, which highlighted the gender. Despite criticism and subsequent redefinitions of the notion of feminist translation, the Canadian school is still generally regarded as the model for the interaction between feminism and translation. The purpose of this article is to highlight the importance of feminist theories in the translation of texts by indigenous women in Canada and to raise questions under a look at the practice of translation from a feminist perspective. Also, open debates by checking topics of mutual interest for Translation and Feminist Studies at the conceptual and historical level.

Keywords: Translation Studies; Feminist Theories; Indigenous Feminisms; Canada.

1. Considerações Iniciais

No contexto das diversas teorias prefixadas como ‘pós’ dos anos 70 (pós-colonialismo, pós-modernismo, pós-estruturalismo) e de um interesse renovado pelos estudos culturais, um encontro entre feminismo e Estudos de Tradução (ET) aconteceu, o que certamente beneficia ambas as teorias. Um dos resultados visíveis dessa intersecção pode ser visto no nascimento da escola canadense de tradução feminista. Sua contribuição para os ET ainda é comumente associada à proposta canadense como o paradigma universal da tradução feminista e, por extensão, como o paradigma da interação entre feminismo e tradução.

¹ Mestrando no Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: jeffersonbersol@outlook.com

A grande influência do feminismo de segunda onda foi vital para a tradução feminista. Ele dotou tanto as escritoras feministas do Quebec quanto suas tradutoras de autoridade e meios para desconsiderar tal autoridade. Com a autoria e a “linguagem patriarcal²” desmistificada, a tradutora ou tradutor feminista pode ousar ser uma escritora ou escritor resistente, agressiva(o) e criativa(o) que não só mexe com os aspectos da noção de ELE/Homem da linguagem convencional, mas intervém no texto de muitas outras formas. E, sabe-se que o trabalho de reprodução de seres humanos ou de textos, embora absolutamente vital para empreendimentos literários ou humanos, é geralmente mal pago, desvalorizado e até mesmo desprezado nas estruturas hierárquicas que definem nossa cultura. A reprodução tem sido historicamente trabalho feminino³; e as metáforas usadas para descrever a tradução, embora enfatizem a necessidade de manter o controle da reprodução dos textos (descendência), refletem sua baixaza.

A conceituação da escrita como uma prática tradutória tem sido central para a articulação de uma teoria feminista da escrita no Canadá e, particularmente, em Québec desde o final dos anos 1960 e 1970, quando escritoras feministas, artistas e teóricas examinaram criticamente a constituição do sujeito na linguagem e a especificidade da subjetividade feminina em relação ao discurso patriarcal. A centralidade da linguagem e da escrita para a teoria feminista, e sua prática, está posta em primeiro plano com a exclusão das mulheres da produção de pensamento, imagens e símbolos que operam através da exclusão *a priori* do feminino da ordem simbólica (exemplificada por Nicole Brossard, em seu ensaio “L’e muet mutant” (1979), pelo sinal mudo da terminologia “e” da forma feminina em língua francesa) e a re-assinatura das mulheres na diferença dentro da lógica patriarcal do masculino.

Luise Von Flotow, no texto “Feminist Translation: Contexts, Practices and Theories” (1991), declara que sua exploração da prática de tradução feminista não está preocupada com a fidelidade, ao invés disso, a autora se interessa pelo contexto, práticas e teorias subjacentes que tornam a tradução feminista aceitável, até mesmo desejável. Dessa maneira, o “e” silencioso que marca o gênero feminino em francês tornou-se um

² Chamberlain declara que, todo o “sistema metafórico” que apresenta a tradução como feminina está ligada à disputa pelo poder: No sistema metafórico aqui examinado, o que o tradutor reivindica para “si mesmo” é exatamente o direito à paternidade; ele reivindica um falo porque esta é a única forma, num código patriarcal, de reivindicar legitimidade para o texto (Chamberlain, 1992, p. 67).

³ O conceito de “feminino” passou a ser entendido cada vez mais como uma construção social, resultante da educação e do condicionamento. Como afirma FLOTOW (1997, p. 5) “[O] seu processo instila nas meninas e mulheres os atributos físicos, psicológicos e socioculturais típicos de uma época e culturas particulares e que, em regra, diferem substancialmente dos atributos dos homens no mesmo período”. As diferenças entre os gêneros – socialmente determinadas – passaram a ser vistas como a origem da opressão e da submissão femininas, tanto na vida pública quanto na vida privada.

elemento importante na crítica do masculino como termo genérico; foi explorado como um elemento mutante com o qual neologismos e trocadilhos poderiam ser desenvolvidos para parodiar e atacar a linguagem convencional.

Uma das muitas contribuições do feminismo para o conhecimento é a revisão crítica a que tem submetido diferentes disciplinas científicas e humanísticas, com o objetivo de colocar em dúvida sua natureza supostamente neutra e objetiva e revelar o fato de que eles realmente seguem critérios patriarcais (embora em vários graus). No entanto, desde o início, a crítica feminista apontada para a tradução teve uma particularidade a mais, porque tal teoria já estava plenamente engajada em um processo de debate interno que visava permitir que se adaptasse às novas concepções filosóficas da época. Nesse momento, então, os ET testemunhavam o nascimento de novas abordagens que não focavam o estudo da tradução no produto em si, mas sim no processo de tradução, do qual o produto é claramente dependente.

Essa nova abordagem também passou a questionar o papel até então neutro, objetivo e invisível do tradutor. Em vez disso, alegaram que os tradutores na verdade desempenharam um papel muito mais ativo, já que o primeiro passo para traduzir consiste na leitura de um texto original escrito por um autor que esteja ciente da existência de várias (embora não um número infinito de) formas possíveis de ler e interpretar o texto.

A ideia de produzir um texto equivalente e fiel ao original ou à intenção do autor é, portanto, impossível. Para essas novas abordagens, não são as palavras que são traduzidas, mas os significados; e estes não se encontram no texto original ou na intenção do autor. Em vez disso, são o resultado de negociações dentro do sistema social em que o texto é produzido e consumido. Portanto, a única coisa a que os tradutores podem ser fiéis é à interpretação (do original ou do significado pretendido pelo autor).

Rosemary Arrojo, no texto “A que são fiéis tradutores e críticos da tradução?” (1993), ao tratar sobre a problemática do significado na tradução, declara que a significação na tradução “somente se delinea, e se cria, a partir de um ato de interpretação, sempre provisória e temporariamente, com base na ideologia, nos padrões estéticos e morais, nas circunstâncias históricas que constituem a comunidade sociocultural” (1993, p. 19). Assim, deve-se reconhecer que só um tradutor pós-colonialista permite analisar suas próprias representações e sentidos culturalmente construídos para uma interpretação e tradução que encaminhem seu leitor para uma descolonização textual através da educação.

Ademais, quando o feminismo começou a se aproximar da tradução, esta já havia superado (pelo menos em seu discurso teórico) o debate sobre fidelidade, equivalência e objetividade e estava se fazendo perguntas necessárias para pensar em questões culturais

e ideológicas. Analisar a realidade da perspectiva da cultura e da ideologia estava na agenda do feminismo há algum tempo e, como resultado, eles viram sua relação com a tradução como sendo mutuamente enriquecedora.

Mas e a literatura feminista indígena canadense?

2. Feminismo indígena no Canadá

Em sua raiz, o feminismo indígena examina como o gênero e as concepções de gênero influenciam as vidas dos povos indígenas, historicamente e atualmente. As abordagens feministas indígenas desafiam os estereótipos sobre os povos indígenas e gênero e sexualidade, por exemplo, conforme aparecem na política, na sociedade e na mídia. O feminismo indígena oferece estruturas para aprender e compreender essas e outras questões, independentemente de seu gênero ou etnia.

O feminismo indígena pode ser entendido como uma ideologia ou conceito, uma identidade e uma expressão. Não existe uma expressão única de feminismo indígena e, portanto, o termo é frequentemente referido como feminismos indígenas (plural). De modo geral, os feminismos indígenas abordam as muitas maneiras pelas quais as normas de sexualidade e gênero (expectativas sobre como as pessoas devem agir ou se comportar com base nas percepções sobre seu gênero) moldam a vida dos povos indígenas.

Embora gênero, sexo e sexualidade sejam centrais nos feminismos indígenas, eles se cruzam com outros aspectos da identidade das pessoas, incluindo a *indigeneidade* (ou seja, a identidade indígena), idade e classe social. Enfatiza-se, portanto, que os feminismos indígenas devem considerar os diversos aspectos da identidade.

Os feminismos indígenas também se preocupam com as maneiras como o gênero está inserido em relações de poder mais amplas e com as maneiras como o sexismo, o racismo e o colonialismo são estruturas de opressão que operam juntos. As estudiosas Maile Arvin (de ascendência Kanaka Maoli), Eve Tuck (Unangax) e Angie Morrill (Klamath), além de muitas outras feministas indígenas, argumentam que o colonialismo foi e continua a ser um processo relacionado ao gênero. Ou seja, os impactos do colonialismo são direcionados e vivenciados de forma diferente dependendo do gênero de cada um.

3. Literaturas feministas indígenas canadenses: abordagens e expressões

Com definições e significados tão variados, não é surpreendente que existam abordagens diversas, mas inter-relacionadas, para os feminismos indígenas. Desde o final do

século XIX, mulheres indígenas como Pauline Johnson (Mohawk), Beth Brant (Mohawk), Maria Campbell (Métis), Buffy Sainte-Marie (Cree) e Louise Bernice Halfe (Cree) usaram poesia, música, literatura e performance para enfatizar a resiliência e o empoderamento das mulheres indígenas, e são amplamente consideradas importantes contribuintes (porém nem sempre intencionais) para os feminismos indígenas.

Essas expressões culturais utilizadas pelas autoras canadenses citadas eram realizadas, em sua grande maioria, para cada realidade específica que elas vivenciavam, ao ambiente que pertenciam e também para marcar suas identidades indígenas. Por exemplo, o uso da música e da performance era motivado como forma de valorização e manutenção das tradições orais de suas tribos.

Embora sejam cada vez mais comuns em trabalhos acadêmicos, os feminismos indígenas não são de forma alguma novos. No entanto, o conceito de feminismo indígena ganhou popularidade no final da década de 1990, depois que a famosa autora e crítica Lee Maracle falou sobre o lugar das mulheres indígenas nos movimentos sociais mais amplos das mulheres canadenses. No texto “I am woman: A native perspective on sociology and feminism”, a autora explica: “Não estou interessada em ganhar acesso às portas do movimento de mulheres brancas. Eu ficaria um pouco ridícula sentada em suas salas de estar dizendo *nós isso e aquilo*” (1996, p. 13, grifo meu). Maracle, dessa forma, procurava se afastar dos “feminismos brancos” e abraçar os princípios e valores que se alinham com as realidades indígenas.

4. Uma abordagem tradutória feminista para (con)textos de mulheres indígenas

No livro *Feminist Translation Studies*⁴(2016) se discute a figura do tradutor a título de esclarecimento inicial para aqueles que não estão familiarizados com os princípios básicos da teoria da tradução feminista (ou literária ou cultural). As preocupações desta teoria não excluem de forma alguma os homens, mas sim enfatizam a importância do estado de gênero dos leitores, escritores, tradutores, detentores de poder e outros atores no panorama da criação literária.

A teoria feminista é essencialmente uma forma de abordar questões de identidade na linguagem, colocando em primeiro plano o conceito de gênero como uma construção social. Para os ET, muito dessa consciência deriva da produção literária fronteiriça no Canadá de língua francesa no final dos anos 70 e 80.

⁴ CASTRO, Olga; ERGUN, Emek. *Feminist Translation Studies — Local and Transnational Perspectives*. New York: Routledge, 2016, 281 p.

O próximo passo seria, então, o estabelecimento da relação entre gênero e tradução. Louise Von Flotow (1991) postula que as próprias mulheres são traduções, movendo-se entre vários níveis de discurso, entre as esferas privada, pública e baseada em gênero. Tradução, a autora escreve, há muito serviu como um tropo para descobrir o que as mulheres fazem quando entram na esfera pública. Elas traduzem sua linguagem privada, suas formas de discurso especificamente femininas, em alguma forma do código patriarcal dominante. Esta dimensão de gênero da linguagem, discurso e tradução servirá para informar as percepções futuras da autoria e da criação literária.

De fato, desde o início do feminismo sistematizado, um dos principais objetivos da teoria tem sido recuperar a escrita feminina do passado que foi potencialmente ignorada. As feministas têm procurado historicamente trazer as mulheres tradutoras e suas contribuições para a atenção da cultura literária, expandindo e questionando o que é entendido como o cânone literário (amplamente dominado por escritores homens), bem como criar solidariedades entre as mulheres, por meio da escrita e da tradução, expondo as realidades das mulheres nos países em desenvolvimento e as tradições literárias emergentes. Mulheres, que historicamente tiveram acesso negado ao mundo dos estudos, estão lentamente encontrando seus trabalhos publicados, embora em uma escala altamente reduzida em comparação com seus colegas homens.

Desde o final dos anos 2000, houve duas tendências principais dentro dos estudos feministas indígenas: trabalhos que abordam o feminismo indígena como um conceito teórico e identitário e aqueles que aplicam feminismos indígenas como uma categoria de análise em vários campos e tópicos.

Eloína Prati dos Santos, em artigo publicado na revista *Letras de Hoje*, “A escritura indígena canadense contemporânea: um ato de tradução intercultural” (2015, p. 194) declara que “A maioria das escritoras ameríndias⁵ desenvolve um feminismo indígena em suas carreiras e obras, destacando que o feminismo euroamericano nem sempre as representa”.

Dessa forma, muitos estudiosos da primeira tendência lutam com a complexa relação entre as mulheres indígenas e o feminismo. Seus trabalhos refletem sobre ideais e práticas feministas, bem como expressões de feminismos na arte e cultura, direito, política, ativismo e vida cotidiana. Conversas transnacionais sobre feminismos indígenas destacam lutas compartilhadas, bem como discrepâncias em como as mulheres indígenas em todo o mundo se veem e as ideologias feministas. Talvez o mais importante nesses trabalhos seja o fato que oferecem definições de feminismos indígenas que outros podem adotar, criticar e contribuir em seus próprios termos.

⁵Aqui se entende a palavra *ameríndia* como sinônimo da palavra *indígena* dos continentes da América.

Paralelamente (e às vezes até transversalmente), nesses trabalhos são abordados feminismos indígenas que expandem a teoria feminista em novas áreas de análise. Explorar esses assuntos permite uma compreensão mais profunda dos feminismos indígenas, que não estão apenas preocupados com gêneros e sexualidades normativas. A perspectiva teórica da tradução feminista que intenta explicitar a diferença e ao mesmo tempo criar um elo entre as mulheres de todo o mundo, vai além das fronteiras territoriais e linguísticas:

Contaminação e combinação em um texto feminista traduzido servem de apoio para o entendimento das mulheres através das barreiras de língua e cultura. Além disso, esses fatores demonstram a recusa das feministas em optar por um único significado, e, portanto, enfatiza a multiplicidade e o fato de que é às vezes impossível, até destrutivo, decidir entre um e outro. (VON FLOTOW, 1997, p. 45)

De acordo com Luise Von Flotow (1991), é difícil e provavelmente desnecessário apontar teorias específicas que validaram a abordagem feminista da tradução. De maneira geral, pode-se dizer que a erosão da autoridade do Autor/Original nos discursos pós-estruturalistas e desconstrucionistas dos últimos vinte anos certamente foi de grande importância, levando o tradutor a possuir muito mais liberdade no texto.

A tradução pós-colonialista⁶ e a figura do tradutor, as vastas semelhanças entre as/os tradutoras/es feministas e pós-colonialistas e os critérios definidos por suas respectivas escolas de pensamento não podem escapar da atenção do leitor. Uma parte interessante dos trabalhos publicados que tocam diretamente na teoria da tradução lida com literaturas indígenas emergentes, enquanto talvez a maior parte esteja muito próxima da abordagem feminista, com uma forte ênfase no Canadá. As semelhanças, no entanto, vão muito mais fundo do que apenas sobreposições geográficas. Em essência, ambas as escolas, feministas e pós-colonialistas, representam a rebelião, uma vez silenciada para recuperar sua voz, opondo-se contra um padrão cultural dominante ou contra o domínio masculino no mundo da literatura cânone ou uma união dos dois.

Von Flotow (1991) disserta sobre as inúmeras estratégias existentes e usadas na tradução de cunho feminista, que consideravelmente sugerem uma abordagem mais liberta da tradução, principalmente ao tratar sobre a escrita de mulheres. Algumas dessas estratégias apresentadas pela autora são: suplementar, prefaciá-las - notas de rodapé e “sequestro”.

⁶ AGRA, Klondy. A Teoria Pós-Colonial na Tradução: Caminhos à Descolonização Através da Arte e Educação. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. 2013. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/>>. Acesso em: 18 out. 2020.

- Suplementar: na tradução feminista é uma estratégia que pode explicar a “tradução excessiva” do exemplo “sem abrir as pernas”. Compensa as diferenças entre as línguas ou constitui “ação voluntarista” sobre o texto. Pois, mesmo que o inglês não tenha exatamente os mesmos problemas de gênero ou etimologia, há outros lugares no texto onde um deslocamento semelhante da língua pode ser realizado (VON FLOTOW, 1991, p. 74-76).

- Prefaciar e notas de rodapé: mais recentemente, as intervenções feministas assumiram outras formas. Tem se tornado quase rotina para as tradutoras feministas refletir sobre seu trabalho em um prefácio e enfatizar sua presença ativa no texto em notas de rodapé. O modesto tradutor, que produz uma versão suave e legível do original no idioma alvo, tornou-se uma coisa do passado. Como disse Godard (1988, p. 50), a tradutora feminista busca exibir sua assinatura em itálico, em notas de rodapé e em prefácios, manipulando deliberadamente o texto e participando ativamente da criação de significado (VON FLOTOW, 1991, p. 76-78, grifo meu).

- “Sequestro”: Fazendo referência ao termo “hijacking” de um crítico da tradução feminista, um jornalista de Montreal (um tradutor) que ataca Susanne de Lotbinière-Harwood por sua excessiva interferência na tradução de *Lettres d'une autre de Lise Gauvin*:

A tradutora [...] às vezes é tão intrusiva que praticamente rouba o trabalho do autor. Na introdução, ela nos conta que pretende marcar sua presença [...] para esse fim, ela frequentemente interrompe a obra de Gauvin explicando o que Gauvin realmente quis dizer e às vezes oferecendo o equivalente em francês para o inglês na página” (HOMEL, 1990, apud VON FLOTOW, 1991, p. 78-80).

Levando em consideração as estratégias tradutórias apontadas por Von Flotow, as traduções em um viés feminista, em particular, repensam o processo de formação do cânone e as questões do valor literário. Nesse processo, a tradução feminista leva, de certa maneira, à recuperação da escrita por e sobre as mulheres. Essa recuperação não teria acontecido se as feministas não tivessem chamado a atenção para o papel que o gênero desempenhou na formação do cânone da literatura, não só indígena e canadense, mas também global.

Embora o cânone esteja claramente se tornando mais diverso, existem limitações práticas para o quão diverso ele pode se tornar. Como Laura Moss observa em seu artigo “Playing the Monster Blind? The Practical Limitations of Updating the Canadian Canon”, ao passo que o cânone da literatura canadense muda, “[as] possibilidades de expansão canônica são, pelo menos em parte, governadas pelo grande volume de trabalho publicado [...]” (MOSS, 2006, p. 9).

Os cânones literários tornaram-se recentemente maleáveis, novas vozes estão sendo ouvidas e mais mulheres estão trabalhando no estabelecimento literário e escrevendo livros que falam de seus interesses. No entanto, ainda há um longo caminho a percorrer antes que haja igualdade de gênero no cânone literário canadense.

De acordo com o *CanLit Guides*, editorial da Universidade da Columbia Britânica, no artigo “Feminist History of Literature and Culture in Canada” (2016), os autores declaram que:

Os desenvolvimentos das críticas feministas à desigualdade sexual são frequentemente diferenciados em várias ondas. A metáfora da onda mostra como as mudanças nos focos e atividades feministas progrediram e mudaram enquanto permanecem conectadas por interesses compartilhados nos direitos das mulheres. Portanto, onde uma onda necessariamente começa ou termina é menos importante do que como elas se informaram e se desenvolveram. Observar as contribuições de ondas específicas ajuda a articular mudanças específicas nas ideias que contribuem para a diversidade do pensamento feminista. (CanLitGuides, 2016, tradução minha).⁷

Estudos literários feministas analisam e consideram a representação de gênero em obras literárias e culturais enquanto consideram as implicações sociais dessas representações. No entanto, em um cenário amplo, o trabalho de ativistas feministas na comunidade, na mídia e na arena política influencia o trabalho acadêmico feminista e vice-versa. Essa relação entre estudos feministas e ativistas nem sempre é amigável. Por outro lado, muitos ativistas acreditam que o feminismo no âmbito acadêmico está muito desconectado das realidades cotidianas da desigualdade de gênero.

Considerações Finais

É sabido que os estudos pós-coloniais permitem ao tradutor buscar uma tradução coerente, construindo e especializando significados na cultura desejada. A tradução pode funcionar como um processo que envolve não apenas a linguagem, mas também a cultura, a sociedade e a história.

⁷ Original: “The developments of feminist critiques of sexual inequality are often distinguished into several waves. The wave metaphor shows how changes in feminist focuses and activities have progressed and changed while remaining connected by shared interests in women’s rights. Thus, where one wave necessarily begins or ends is less important than how they informed, and built upon, each other. Noting the contributions of particular waves helps articulate specific shifts in ideas that contribute to the diversity of feminist thought” (CanLitGuides, 2016).

Foi possível observar, ao longo dessa discussão sobre o ato de traduzir sob a ótica de algumas das teorias da tradução feministas e pós-colonialistas, que mais semelhanças do que diferenças se tornam aparentes à medida que se analisa os critérios que configuram os papéis e a figura do tradutor. Como talvez o princípio implícito mais básico, pode-se destacar a maneira como a tradução involuntariamente nos força a questionar e analisar criticamente a nós mesmos e a maneira como nos relacionamos com nossas próprias culturas e, não menos importante, as culturas de outros lugares.

Como se pode ver, muitas linhas de pensamento podem ser desenvolvidas sobre o tema dos estudos da tradução e sua interação com o feminismo, o que, sem dúvida, continuará a levantar questionamentos. Isso salienta a necessidade de uma prática autor-reflexiva que questione os valores e pressupostos que selecionam as diferentes histórias e a maneira que as contamos e as afirmamos.

REFERÊNCIAS

AGRA, Klondy. *A Teoria Pós-Colonial na Tradução: Caminhos à Descolonização Através da Arte e Educação*. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. 2013. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/>>. Acesso em: 18 out. 2020.

ARROJO, Rosemary. “A que são fiéis tradutores e críticos da tradução?”, in: *Tradução, desconstrução e psicanálise*. São Paulo: Imago, 1993.

BROSSARD, Nicole, «L’ e muet mutant», *Femme et langage*, no 50, p. 10-27. 1979.

CanLit Guides. “Feminist History of Literature and Culture in Canada”. The CanLit Guides Editorial Team, 2016. <<https://canlitguides.ca/canlit-guides-editorial-team/feminist-history-of-literature-and-culture-in-canada/>>. Acesso em 16 de out. 2020.

CASTRO, Olga; ERGUN, Emek. *Feminist Translation Studies - Local and Transnational Perspectives*. New York: Routledge, 2016, 281 p.

GODARD, Barbara. “Theorizing Feminist Discourse/Translation”. Mapping Literature, The Art and Politics of Translation, eds. David Homel and Sherry Simon, Montreal, Véhicule Press, 1988.

MARACLE, Lee. *I am woman: A native perspective on sociology and feminism*. Global Professional Publishi, 1996.

MOSS, Laura. “Playing the Monster Blind? The Practical Limitations of Updating the Canadian Canon.” *Canadian Literature* 191 (Winter 2006): 7–11. Print).

SANTOS, Eloína P. *A escritura indígena canadense contemporânea: um ato de tradução intercultural*. Letras de Hoje, v. 50, n. 2, p. 191-197, 13 jul. 2015.

VON FLOTOW, Luise. *Feminist translation: contexts, practices and theories*. TTR: traduction, terminologie, rédaction, v. 4, n. 2, p. 69-84, 1991.

VON FLOTOW, Luise. *Translation and Gender. Translating in the «Era of Feminism»*. Manchester, Ottawa: St. Jerome and University of Ottawa, 1997.